Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 438

21 DE FEVEREIRO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Vamos a liquidar hoje as contas em aberto na nossa ultima chronica, tanto mais que os assumptos d'estes dez dias nos permittem á vontade cumprir a nossa promessa.

Effectivamente estes ultimos dez dias não forneceram á chronica nenhuma novidade importante a não ser uma innovação nos costumes domingueiros de Lisboa, a escolha d'um novo sitio para passeio, para ponto de reunião dos lisboetas *qui s'amusent*: — o Campo Grande.

Essa escolha é de bom gosto, porque o Campo Grande é o passeio mais bonito que ha em Lisboa; mas não é uma novidade, pelo contrario, é *uma reprise* de moda antiga.

Ha muitos annos, antes de se estabelecer o *Hyppodromo* no Bom Successo, o Campo Grande esteve durante numerosos Domingos, no galarim, apesar de n'esse tempo ainda não haver para ali todas as facilidades de communicação que hoje ha.

Os *Sportmen* de Lisboa começaram aos Domingos a fazer corridas de cavallos no Campo Grande, na alameda occidental, ao pé do jardim e toda a gente elegante da capital principiou a frequentar o Campo Grande aos Domingos.

Essas corridas tiveram um grande *successo*, um *successo* grande de mais até, tão grande que as matou.

Morreram d'uma indigestão de exito, as pobres corridas de Cavallos.!

Imaginaram que, toda a gente que ia ali e que enchia o vastissimo campo, ia unicamente pelo interesse enorme que o *Sport* lhe despertava, e d'ali nasceu a idéa de organisar a valer as corridas de cavallos em Lisboa, de arranjar um longchamps no *Bom Successo*.

E imaginando que se benzia o *Sport* quebrou os narizes.

Desde o momento que começaram a ter a forma severa, o feitio inglez, toda a burocracia do *Sport* se assim se pode dizer, as corridas deixaram de ser um divertimento para ser uma massada, e o publico que nos primeiros dias carreu avidamente ao Bom Successo, cheio de curiosidade, imaginando ir encontrar um divertimento novo, aborreceu-se depressa, e as corridas foram cahindo em desuso, sem nunca conseguirem as honras entre nós de divertimento popular.

Agora, não sei se intencionalmente se por acaso, alguns rapazes elegantes da nossa sociedade lembraram-se de fazer voltar, as corridas de cavallos, á sua fórma primitiva, e ao seu primitivo local, e o *successo* enorme que corôou essa lembrança deve ter-lhe mostrado que fizeram muito bem n'isso, que o publico gosta das corridas de cavallos, mas só ali no Campo Grande, que é um bello passeio, e sem bilhetes, sem tribunas, sem *recintos de pesagem*, sem costumes de jockei, isto é sem nenhum dos matadores das corridas francezes e inglezes.

O publico tem razão?

Não tem?

Não sei, mas o que sei é que os proverbios não foram feitos por tolos, e que ha um d'elles que diz que cada terra com seu uso, cada roca com seu fuzo, e que o fuzo da nossa roca é assim.

*
* *

Fóra d'essas corridas de cavallos no Campo Grande, não houve novidade importante em Lisboa.

Houve uma opera nova em S. Carlos, mas não se pode dizer que fosse novidade importante e entrará no seu logar nas noticias de theatros que nos ficaram atrazadas da chronica passada e que vamos hoje pôr em dia, rapidamente.

Começaremos pelos theatros portuguezes onde appareceu uma novidade, uma peça de Molière o que é sempre um acontecimento theatral de primeira ordem em todos os theatros do mundo e muito mais nos nossos theatros onde Molière não apparece muito a miudo.

A peça que o theatro de D. Maria deu no Carnaval foi a *Escola dos Maridos* traduzida excellentemente pelo illustre escriptor brazi-

D. AUGUSTO EDUARDO NUNES — Novo Arcebispo d'Evora

(Segundo photographia de Muniz Martinez)

leiro o sr. Arthur de Azevedo. A peça agradou muito e juntamente com a *Casa de Orates*, traducção de uma comedia hespanhola de Marianno Pina Domingues pelo sr. Aristides Abranches e com a *Sociedade onde a gente se aborrece*, fez um excellente carnaval ao theatro de D. Maria.

* * *

A Trindade teve tambem a sua peça carnavalesca, uma opera burlesca de Jules Moinaux, musica de Emilio Jonas, *O Pato de tres bicos*, traduzida pelo sr. Eça Leal.

O pato de tres bicos que ha 13 annos se deu em Lisboa em francez, no theatro do Principe Real, é uma das primeiras operas burlescas da França, chronologicamente fallando, e é coeva dos primeiros trabalhos de Offenbach.

A musica é lindissima, tão bonita que quasi toda ella tem sido roubada e que apesar de ser agora a primeira vez que se canta em portuguez, o publico estava na primeira noite a ouvil-a e a reconhecer a todo o momento aquella musica que ignorava ser do *Canard à trois becs*, mas que estava já farto de ter ouvido cantar por ahi, em magicas, em revistas, e em operettas anonymas, pelos theatros populares.

O desempenho que a operetta teve na Trindade foi em geral bom, destacando-se porém entre elle o trabalho deveras notavel da actriz Josepha d'Oliveira, que n'um papel difficil e que não é muito do seu genero habitual, se houve muito distinctamente, cabendo-lhe sem favor as honras da peça.

* * *

No theatro de S. Carlos tres operas novas, e entre ellas uma que era verdadeira novidade para nós : — a *Mala Pasqua* de Gastaldon.

O mesmo assumpto, que no fim de contas não tem nada que explique esta predilecção de maestros, tentou dois compositores italianos, Gastaldon e Mascagni.

Este tratou-o n'um acto e intitulou-o *Cavallaria rusticana*, aquelle tratou-o em tres actos e chamou-o *Mala Pasqua*.

A *Cavallaria rusticana* teve um grande successo e anda já por todos os theatros do mundo, a *Mala Pasqua* teve um grande successo tambem, mas apenas um *successo* de desempenho ; a opera como opera não agradou e apesar do seu auctor a ter já reduzido a dois actos nem assim mesmo faz carreira, e limitar-se-ha aos theatros onde a quizer cantar a Theodorini, a sua genial creadora, porque com outra Carmela o seu exito será muito duvidoso.

Theodorini com o seu enorme talento de cantora e de comediante fez d'essa obra insignificante, quasi nulla, um drama lyrico extraordinario.

E' preciso vêl-a e ouvil-a para comprehender bem tudo o que ha de maravilhoso no seu trabalho.

Foi a Theodorini quem salvou a *Mala Pasqua* em Roma, quem a salvou na Perugia, quem a salvou em Lisboa e quem a hade salvar em toda a parte onde a der, porque áquelle seu esplendido trabalho artistico não ha publico que resista e o triumpho que a cantora alcança é tão grande, que faz esquecer o pouco que a opera valle. Grabrilesco tem na *Mala Pasqua* um pequeno papel mas desempenhou-o magistralmente.

Depois do seu grande successo na *Mala Pasqua* a Theodorini teve ainda outro tão grande ou maior ainda no *Crispim e a comadre*.

Discutiu-se muito se a famosa cantora podia ou não podia cantar a parte de Annette na opera dos irmãos Ricci e que tem sido sempre cantada entre nós por damas ligeiras desde a Cortezi até á Patti : A Theodorini poz ponto na discussão cantando-a.

Mostrou assim que podia, e mais ainda, que podia fazer uma Annette como Lisboa nunca viu, apezar de já ter visto a Patti, uma Annette maravilhosa, que deu um exito colossal ao *Crispim e a comadre* como elle nunca tinha tido entre nós.

A opera dos irmãos Ricci foi posta em scena apenas para fazer o carnaval, mas em vista do agrado extraordinario que teve o desempenho maravilhoso que lhe deu a Theodorini, ha muitos pedidos para que a opera se repita, apesar de estarmos na Quaresma, e a empreza ter a certeza de ter uma enchente á cunha na noite em que a annunciar.

A ultima das tres novidades de S. Carlos foi menos feliz que as duas primeiras, o *Ruy Blas*, uma opera extremamente mediocre e fastidiosa, que apesar de confiada a artistas distinctissimos como a Bulicioff, a Leonardi, Menotti, Moretti e Ercolani teve a má sorte que tem tido das outras vezes, apparecer no cartaz para voltar logo a dormir no archivo.

E não acabou ainda a serie de operas novas em S. Carlos.

Naturalmente mesmo antes de sahir a lume esta chronica, ter-se-ha ali cantado a *Carmen* com a Leonardi, Brambilla, Moretti e Salasse : está a ensaios o *Frei Luiz de Sousa*, a opera do maestro Gazul, o illustre professor do Conservatorio, opera que naturalmente será a *d'obligo* da presente época ; e trata-se de começar a ensaiar o reportorio do Tamagno, que chega no principio de março e que vem cantar o *Otello*, o *Poliuto*, os *Huguenottes* e o *Guilherme Tell*.

* * *

Não queremos fechar esta chronica sem registar aqui a reapparição d'uma das actrizes portuguezas de mais talento e que ha mezes andava ausente — a actriz Lucinda do Carmo.

Depois de ter feito uma brilhante *tournée* pelas ilhas, Lucinda regressou a Lisboa e reappareceu ha noites no theatro da Avenida onde o publico lhe fez uma recepção enthusiastica.

Preso em casa por uma doença impertinente não pude tambem ir saudal-a no seu regresso, mas d'aqui lhe envio as minhas boas vindas.

Gervasio Lobato.

D. AUGUSTO EDUARDO NUNES
ARCEBISPO DE EVORA

Estamos ainda sob a impressão agradabilissima, que nos deixou o monumental discurso do illustrado e virtuoso Arcebispo de Evora, D. Augusto Eduardo Nunes, por occasião da partida do primeiro troço expedicionario a Moçambique.

A sua voz sonora e vibrante, a sua palavra eloquente e inspirada, o seu accionado natural e gracioso, o seu aspecto nobre e venerando, communicando o quer que fosse de mais solemne e magestoso aos seus habitos prelaticios, impunham-se ao numerosissimo e selecto auditorio que o escutava, deixando na assemblea a recordação saudosa de se ter ouvido um orador de primeira grandeza, um formosissimo talento a par de uma vastissima illustração.

A rapida ascensão a que se elevou o nosso biographado, desde a obscuridade do berço até aos fastigios da celebridade, encontra-se nas seguintes linhas que vamos esboçar :

Nasceu em Portalegre aos 31 de março de 1849.

Seus paes chamavam-se José Maria Nunes e D. Helena Rosa Nunes.

Orphão aos 8 annos, foi amparado e educado por seu tio paterno, padre João Raphael Nunes, coadjuvado por uma caridosa senhora, D. Marianna Candida Pereira da Silva.

Estudou instrucção primaria no collegio de Campolide, e o primeiro anno dos lyceus no collegio da Conceição, dirigido por Filiciano de Paula Ferreira da Costa.

Em setembro de 1862 foi admittido no seminario Patriarchal de Santarem, onde cursou os restantes preparatorios e as aulas theologicas do curso superior em 5 annos, que completou em 1871. Nos exames de preparatorios obteve 5 approvações com distincção e 3 com louvor. No curso theologico obteve em todos os annos a qualificação litteraria de *muito bom*.

Pregou o primeiro sermão (exercicio escholar) em 1869.

Recebeu subdiacono em 23 de setembro de 1871 ; diacono em 23 de dezembro do mesmo anno e presbytero a 25 de maio de 1872.

No dia seguinte cantava a sua primeira missa na Egreja do Seminario de S. Pedro e S. Paulo (Inglezinhos) em Lisboa, tendo por presbyteros assistentes, seu venerando tio já mencionado e o não menos respeitavel conego Carlos Joaquim Martinho Calderon, desvelado amigo e protector do novo sacerdote. Foi orador o bem conhecido e conceituado padre Duarte do Rosario, condiscipulo do celebrante.

Exerceu no seminario de Santarem diversos cargos, taes como os de secretario e thesoureiro e professor de liturgia, dos quaes se exonerou para ir frequentar a Universidade de Coimbra.

N'esta cidade fez o exame de Physica e Chymica e Introducção a Historia Natural, que lhe faltava para poder matricular-se na Faculdade de Theologia. Foi approvado com distincção.

Cursou a dita Faculdade nos annos lectivos de 1874, — 1871 até 1878 1879, obtendo premio todos os annos, e no fim do curso as informações de *muito bom* com 18 valores. Obteve tambem approvação plena nos exames de grego, hebreu e allemão.

Recebeu em dezembro de 1876 o diploma de socio effectivo do Instituto de Coimbra.

Em outubro de 1879, foi lhe confiada pelo actual Bispo Conde a direcção espiritual do Seminario de Coimbra.

Em 22 de janeiro de 1880, fez acto de licenciatura, e nos dias 18 e 19 de novembro do mesmo anno defendeu theses perante o curso docente da Faculdade de Theologia, que o admittiu ao grau de Doutor, o qual recebeu a 19 de dezembro seguinte, sendo seu padrinho n'esta solemnidade academica o seu prestantissimo e preclarissimo mestre Dr. Bernardo Augusto de Madureira, que já desde o Seminario de Santarem ensinava o novo Doutor.

Regeu no Seminario de Coimbra diversas cadeiras de sciencias ecclesiasticas, desde 15 de dezembro de 1880 até ser elevado ao Episcopado.

Foi despachado lente substituto da Faculdade de Theologia em 2 de junho de 1881, e promovido a cathedratico a 20 de setembro do mesmo anno.

Exerceu o cargo de provedor da Santa Casa da Misericordia de Coimbra no anno de 1883 a 1884, e desempenhou outras commissões de serviço publico, como o de presidente de jury de exames de instrucção secundaria no lyceu da mesma cidade. E ao mesmo tempo exercia com assiduidade o seu ministerio sagrado, já no pulpito, já no confessionario e ia preparando os materiaes para uma obra, theologica que tencionava publicar (como effectivamente publicou mais tarde), e discursava nas academias philosophicas instituidas pelo sr. Bispo Conde em honra de Santo Thomaz d'Aquino, e escrevia artigos para periodicos scientificos, litterarios e religiosos, como o *Instituto*, a *Revista de Theologia*, as *Instituições christãs*, etc.

Em 21 de outubro de 1884 foi pelo Real Padroeiro apresentado Arcebispo-Coadjutor de Evora com futura successão ; no Consisterio secreto de 31 de novembro seguinte foi pelo Santissimo Padre Leão XIII preconisado Arcebispo Titular de Perga e deputado para a indicada coadjutoria.

Em 4 de janeiro de 1885 recebeu a sagração Epyscopal das mãos do actual Pro-Nuncio, o Em.mo Cardeal Vanutelli, na Egreja do mosteiro da Visitação (Salesias) em Belem. Foram Prelados assistentes os Ex.mos Arcebispo-Bispo do Algarve e Bispo de Bethsaida.

No dia 17 do mesmo mez deu entrada na capital da Archidiocese Eborense, sendo recebido festiva e respeitosamente pelas authoridades, funccionarios, pessoas de distincção e muito povo da cidade. No dia seguinte assumiu o governo do Arcebispado, visto o venerando Metropolitano, o Ex.mo D. José Antonio Pinto Bilhano estar ausente e impossibilitado por sua provecta edade e enfermidades.

No acto de tomar posse do seu cargo, pronunciou na Sé Cathedral uma breve allocucção, tecendo os merecidos louvores ao illustre prelado de quem foi auxiliar. Desde então tem por muitas vezes pregado a palavra divina, já na mesma Sé em quasi todas as quaresmas e em algumas solemnidades da semana santa, já em outros templos, e ainda na capela do Paço, na festividade annual da Consagração do Mez de Maria, piedoso exercicio que ali se tem celebrado com muita affluencia de fieis.

A doutrinação religiosa da puericia, a solemnidade da primeira communhão das creanças, a sanctificação do clero e do povo, confiados aos seus cuidados, a regularidade do registro parochial e dos outros serviços a cargo dos parochos, a observancia da disciplina ecclesiastica teem-lhe merecido a attenção e sollicitude devidas, mas sobretudo tem promovido no seminario diocesano os melhoramentos litterarios, moraes e materiaes compativeis com a escacez dos seus recursos. Estabeleceu o internato das aulas de preparatorios, medida que tem dado excellentes resultados na pratica.

Além de celebrar pontificalmente nos dias mais solemnes e de conferir ordens sacras com muita frequencia, tem sempre officiado em todas as solemnidades da semana santa.

Não só oralmente tem annunciado as verdades eternas, mas tambem em frequentes pastoraes, já na quaresma já em outras occasiões.

Para commemorar o jubileu sacerdotal do SS. Padre felizmente reinante, abriu na Archiodiocese uma subscripção publica com o fim de crear no Seminario um premio denominado Leão III. A

subscripção attingiu a quantia de 1:305$300 rs., da qual foram depostos 650:000 rs. (treze vezes cincoenta mil réis) aos pés do glorioso pontifice como parte da esmola da missa jubilar, e o resto foi convertido em inscripções, cujo rendimento annual no valor de 39:000 rs. (treze vezes trez mil réis), constitue o mencionado premio.

O quadro capitular da Sé Metropolitana, que contava apenas 1 dignidade e 3 conegos, nenhum dos quaes exercia o magisterio, conta já hoje 3 dignidades e 7 conegos, sendo 3 destes professores de sciencias ecclesiasticas no Seminario.

Tem sido melhorado e reformado, a instancias suas, o edificio do Paço Archiepiscopal.

Em abril de 1889 assistiu ás sessões do Congresso Agricola reunido em Evora, e proferiu um discurso na primeira sessão, evidenciando a protecção que a Egreja Catholica tem sempre dispensado á agricultura e aos legitimos interesses temporaes dos povos.

Em 22 de maio do mesmo anno pronunciou uma alocução na solemne distribuição de premios ás meninas das diversas escholas d'Evora, festa realisada no Palacio de D. Manuel sob a presidencia dos Serenissimos Duques de Bragança, que actualmente occupam o throno lusitano.

D'accordo com o Cabido promoveu exequias solemnes na Sé por alma de Sua Magestade El-Rei D. Luiz I, em 13 de novembro de 1889, e recitou a oração funebre que corre impressa, que é um modelo de eloquencia sagrada.

As suas principaes publicações, além d'este e d'outros discursos notaveis, são as seguintes: *Ecclesiae Catholicae Munus Sociale* — Dissertação para o Doutoramento. *Socialismo e Catholicismo* — Ensaio critico sobre as soluções da questão social. *Theologiae Fundamentalis Compendium.*

Tem pregado, desde estudante até hoje, centos de sermões, que publicados, formariam alguns volumes. Tem tambem publicado algumas poesias.

Ultimamente tomou a iniciativa de promover adhesões ao «Congresso Scientifico Internacional dos Catholicos» que deve reunir-se em Paris em abril de 1891, obra de grande alcance, por significar a alliança viva da sciencia e da fé.

Em 18 de setembro de 1890, pelo fallecimento do Venerando Arcebispo D. José Antonio Pereira Bilhano, que foi receber no céo, como piamente cremos, o premio de suas excelsas virtudes, succedeu o nosso biographado, o talentoso Doutor Augusto Eduardo Nunes na cadeira Archiepiscopal d'Evora, que hoje occupa.

Em 10 de janeiro de 1891, a convite de um grupo de senhoras da nossa primeira sociedade, pronuncia na Egreja da Encarnação de Lisboa ás tropas expedicionarias a Moçambique, assistindo Suas Magestades, as Rainhas D. Amelia e D. Maria Pia, um discurso notabilissimo, que hoje corre impresso, e que é uma obra prima de eloquencia.

Toda a imprensa portugueza foi unanime em applaudir o grande orador sagrado.

As *Novidades* exprime-se nos seguintes termos:

«Memorou que a nacionalidade portugueza nasceu, cresceu, firmou-se e estriolada quasi se abalançou por cima do vitreo elemento por mares d'antes nunca navegados a alargar a patria e o mundo, servindo a humanidade, a sciencia e a religião. O soldado e o sacerdote foram sempre os dois grandes instrumentos das nossas glorias. Descurou-se muito tudo isto, mas parece que tudo vae renascer; que o governo e o paiz tinham os mesmos ideaes em preservação dos nossos dominios contra ambições e estranhas invasões.

E voltando-se para a officialidade representante ali da expedição dirigiu-lhe uma allocução commovente, rememorando os brios e as glorias do exercito portuguez, que não vão ficar diminuidos:

«Celebrou e pôz em saliente relevo o amor da Patria, que era uma dedução do amor de Deus para com a local, onde a Providencia nos collocou, nos fez filhos de Deus. Assegurou que os valentes expedicionarios em todas as aventurosas circumstancias se animariam ou se reanimariam com a idéa de Deus nas alturas e da Patria que lhes ficára no occidente.

«Commemorou a offerta feita á expedição por sua magestade a rainha a sr.ª D. Amelia, d'uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, para ser venerada por aquella, de modo que em todas as provações a imagem da rainha do ceu offerecida pela rainha da terra fosse conforto e auxilio.

«Esta allocução, a aproximação da missão do soldado, que assegura e defende, e a do padre, que educa e civilisa, foram dois soberbos trechos.

«Aqui alludiu o eminente orador ao reverendo padre Barroso, que ia celebrar a missa de deprecação para se conseguir o favor divino para a expedição.

«O sentimento geral foi ter-se acabado de ouvir um modello de eloquencia sagrada, do qual aqui damos um incompleto resumo e pallido transumpto.»

Padre Manuel Damaso Antunes

AS NOSSAS GRAVURAS

O PRINCIPE BALDUINO DE FLANDRES

HERDEIRO PRESUMPTIVO DO THRONO DA BELGICA

Foi com verdadeira surpreza que correu a noticia da morte do principe Balduino herdeiro presumptivo do throno da Belgica, e essa surpreza justifica-se perfeitamente sabendo-se que este principe tinha uns vinte annos de idade, que era de construcção forte gozando plena saude, que nada fazia esperar uma morte prematura e subita.

Pois morreu em poucos dias victima de uma pneumonia dupla, adquirida no serviço militar que teve de fazer nas proximidades de Bruxellas sob um temporal e frio enorme, como o que todos tivemos occasião de sentir no mez de janeiro ultimo.

O principe Balduino Leopoldo Filippe, nasceu em Bruxellas a 3 de junho de 1869, pelo que tinha 21 annos e 7 mezes. Era filho primogenito do principe Filippe Eugenio Fernando, conde de Flandres e principe de Saxe-Coburgo-Gotha, e de Maria Luiza Alexandrina Carolina filha mais nova do fallecido principe Carlos Antonio de Hohenzollern.

Aos 15 annos de idade entrou para a Escóla Militar da Belgica, onde foi apresentado pelo rei Leopoldo II, e ali completou os seus estudos, sahindo em 1886, com o posto de tenente do regimento de granadeiros. Em 1889 foi elevado a capitão e passou ao regimento de carabineiros, e por distincção no serviço militar, nomeado major commandante para outro regimento, pouco antes de ter adoecido e morrido.

Pelas leis do seu paiz era o herdeiro do throno da Belgica, por ter fallecido em 27 de janeiro de 1869 o unico filho varão do rei Leopoldo, conde de Hainaut.

O principe Balduino era extremamente estimado no seu paiz pelas suas excellentes qualidades e modestia de caracter, sendo bem recebido pelo povo como herdeiro do throno.

Falleceu na madrugada do dia 23 de janeiro ultimo.

O PALACIO DA BOA-VISTA

Este palacio, situado em um dos arrabaldes do Rio de Janeiro, denominado Boa-Vista, era uma das residencias do ex-imperador do Brazil, que ali habitava especialmente no verão.

É uma bella vivenda, que pela sahida do imperador, entrou na posse do governo da republica.

A EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO BIHÉ

O CAPITÃO COUCEIRO

As ultimas noticias recebidas d'esta expedição contam o completo triumpho alcançado pelas forças portuguezas sobre os revoltosos do Bihé, triumpho em que figuram no primeiro plano dois officiaes do exercito portuguez os capitães Arthur de Paiva e Couceiro, commandantes d'aquellas forças.

Vamos fazer uma resumida historia d'esta expedição que teve de luctar com as forças indigenas do soba do Bihé, que se oppoz á sua marcha.

Depois da travessia de Capello e Ivens realisada em 1884 estava determinado o caminho entre as duas costas e conhecidos os pontos que convinha serem occupados pelo governo portuguez.

Foi assim que o governo portuguez tratou de organisar uma expedição que occupasse o Baratoz, estabelecendo um posto militar em Libonta e estendendo a sua influencia pelos seguintes pontos: Senna, Tete, Zumbo, margens do Quando e do Cuito, forte Princeza Amelia, na margem do Cubango que já fôra occupada por Capello e Ivens em 1884.

O conflicto que se levantou entre Portugal e Inglaterra, por causa da criação do districto do Zumbo, principio da questão que se tem complicado e que está ainda pendente, veio embaraçar o proseguimento d'esta expedição.

O capitão Couceiro fazia parte d'esta expedição e achava-se no Bihé quando o governo portuguez mandou sustar o proseguimento da mesma expedição.

A este tempo dava-se a morte de Silva Porto e a insurreição no Bihé. Couceiro teve que retirar e fortificar-se no Bailundo, onde recebeu ordem para avassalar ao governo portuguez todo o Cubango.

Quando chegou ao forte da Princeza Amelia soube ali que se preparava uma expedição para dominar o Bihé, e logo pediu para tomar parte d'ella indo auxiliar Arthur de Paiva, que a commandava.

O resultado d'essa expedição foi, como dissemos, um triumpho para as armas portuguezas em geral e em especial para os dois officiaes que a commandaram.

De uma correspondencia d'aquelle paiz extractamos os seguintes periodos que contam como as coisas se passaram:

«A expedição atacou a residencia *(embala)* do soba do Bihé; mas este conseguiu fugir durante o ataque. Vieram então dizer ao capitão Paiva que o sóba tinha atravessado o rio Cuqueima refugiando-se no paiz dos Ganguellas, em casa de um parente seu. O capitão Paiva, que, sendo um valente, é ao mesmo tempo um coração de ouro, quiz ver se evitava mais morticinio, e por isso mandou embaixadores ao sóba dos Ganguellas, intimando-o a que entregasse o soba do Bihé, refugiado nas suas terras, sob pena, em caso de recusa, de o obrigar a tal entrega pela força das armas.

Resposta do soba dos Ganguellas:

— A minha terra não é o Bihé. Nunca entregarei o soba; se quizerem venham cá buscal-o; mas dou-lhes de conselho que se não atrevam a tal porque se vocês se sahiram bem da guerra do Bihé, é porque os homens do Bihé *não são homens e sim mulheres*. Nós cá somos homens a valer, e se se arriscarem a penetrar no meu territorio caro lhes ha de custar.

O capitão Paiva resolveu então deixar uma boa guarda ao acampamento, em Belmonte, e seguir com o resto da expedição para as terras dos Ganguellas, e assim fez.

O resultado das basofias do chefe Ganguella foi este: os Ganguellas foram completamente derrotados em dois combates com as tropas portuguezas, perdendo n'um d'elles cento e tantos mortos e n'outro sessenta e tantos, fóra os feridos.

Do lado dos portuguezes não houve nem um unico morto ou ferido.

A *embala* do soba foi queimada, fugindo o gentio para o interior do sertão.

As tropas portuguezas fizeram varios prisioneiros, soltando-os em seguida, para elles dizerem pelas terras dos Ganguellas que se até ao dia 7 de dezembro não apresentassem o soba do Bihé, recomeçaria a guerra e então não escaparia ninguem.

Chegou a expedição a Belmonte, no dia 26 de novembro, e n'esse mesmo dia foram soltos alguns prisioneiros para dizerem pelas terras do Bihé o mesmo recado que já se tinha dado pelas terras dos Ganguellas.

Com effeito, no dia 3 de dezembro o sóba do Bihé dava entrada no acampamento portuguez escoltado por uns 4:000 pretos que se tinham juntado para irem prendel-o á Tchicála (libata proxima á margem direita do Cequeima).»

O capitão Couceiro commandou a artilheria á qual coube grande parte da victoria alcançada.

Este official de que publicamos o retrato é filho do distincto engenheiro sr. Cabral Couceiro, e sentou praça de cavallaria em 1878, concluindo o curso de artilheria em 1883 com notavel distincção.

Em 1886 concluiu o tirocinio e foi promovido a 1.º tenente. Pouco depois partia, a seu pedido, para Africa onde desejava prestar serviço, serviço tanto mais valioso quanto escaceiam n'aquelle paiz officiaes da arma de artilheria.

A sua primeira commissão em Africa foi o commandar o esquadrão de cavallaria de Humpata, e depois tomou parte na guerra feita aos negros do Ambundo conseguindo derrotal-os.

O capitão Couceiro é hoje mais um benemerito da patria pelos serviços prestados em Africa, nomeadamente pela victoria alcançada no Bihé, em que collaborou tão poderosamente com Arthur de Paiva outro benemerito da patria.

A MATRIZ DA HORTA

A egreja matriz da Horta, que é a do antigo collegio dos jesuitas, foi sempre considerada a mais sumptuosa das que a Companhia de Jesus

erigiu no archipelago dos Açores, porque n'ella sobresaem ao mesmo passo a architectura regular e o bem acabado da obra de talha dourada nas capellas e retabulos.

Principiou a construcção do collegio da Horta em 1680, porem é certo que remonta a mais de cincoenta annos antes o pensamento de o levantar n'aquella villa, hoje cidade.

Referem antigas memorias que, tendo-se dado em 1624 serias desintelligencias entre o governador do castello e os capitães-móres da ilha Terceira, foram estes mandados a Lisboa, e coube ao capitão-mór da ilha do Fayal, Francisco de Utra e Quadros, exercer interinamente identico logar em Angra, onde permaneceu durante tres annos. Ahi tomou conhecimento com os jesuitas da metropole ou cabeça dos Açores e fez-lhes offerecimento de terreno e dos meios necessarios para dotarem a sua patria com um collegio dos filhos de Santo Ignacio.

Francisco de Utra passou ainda a Lisboa, mas, regressando pouco depois á Horta, cuidou de dar execução á sua vontade, testando com sua esposa, D. Isabel da Silveira, a 25 de abril de 1634, boa parte de seus bens á Companhia de Jesus para esta fazer ali uma egreja, da qual se instituiram padroeiros, e um collegio em que se désse á mocidade a instrucção costumada: — portuguez, latim, philosophia, rhetorica e theologia.

Decorreram sete annos primeiro que chegassem de Angra dois padres que tomaram posse dos bens. Ou porque estes, como era natural, não fossem sufficientes para a projectada edificação, ou porque os jesuitas esperassem haver para o mesmo fim mais alguns recursos — que na verdade obtiveram das pessoas principaes da ilha e da administração do padroado — passaram ainda trinta e nove annos antes de começarem as obras do collegio, sob a direcção dos padres Manuel Fernandes e Pedro Lourenço Rebello, que tinham alcançado em 1638 uma provisão régia para importarem livres de direitos todos os precisos materiaes.

Durou longos annos a construcção do collegio e da egreja, que ainda estava por terminar quando, por effeito da lei de 3 de setembro de 1759, foram no anno seguinte expulsos os jesuitas da Horta e levados para bordo da nau que os trouxe a Lisboa, com escala pela Terceira. A este proposito é curioso referir uma tradição, aliás sem nenhum fundamento, que ouvi da bôca de algumas pessoas antigas da ilha: — «Ninguem soube mais dos jesuitas! Provavelmente, deitaram-nos ao mar!» — Em duas capellas não havia altares, e faltava dourar dois retabulos. O adro estava por fazer, e em vez d'elle via-se um monte de entulho que só em 1845 foi mandado remover pelo governador civil Santa Rita, que ordenou tambem a construcção das duas rampas que presentemente dão accesso á egreja e ao antigo edificio do collegio.

A despeza total feita com esse grande edificio subiu a 400:000$ réis, pois, segundo affirma o sr. Silveira Macedo, «assim consta de uma memoria enviada pela junta governativa da Horta ás côrtes constituintes da nação em 1822».[1]

Situado no centro da cidade, e voltado para o mar, o collegio tem de extensão 121,2 metros, e a frontaria da matriz 27,2, e de altura 27,48 até á cimalha, d'onde se elevam as torres e o frontão com bellos ornatos. Interiormente, a egreja mede 38 metros de cumprido, o cruzeiro 21,12 de largo, e o corpo da egreja 10,56.

E' do supracitado escriptor insulano a minuciosa descripção do templo que transcrevemos em seguida:

«A capella-mór é dedicada ao Santissimo Salvador, cuja imagem, na fórma de um Menino Jesus, existe n'um elevado throno, deante de outro superior em que está uma respeitavel imagem de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Reino, e aos lados em dois nichos Santo Ignacio e S. Francisco de Borja.

«A capella é toda guarnecida de finos azulejos

[1] Historia das quatro ilhas que formam o districto da Horta. Vol. I, pag. 132, nota.

O PRINCIPE BALDUINO LEOPOLDO FILIPPE DE FLANDRES

HERDEIRO PRESUNTIVO DO THRONO DA BELGICA—FALLECIDO EM 23 DE JANEIRO DE 1891

BRAZIL. — O PALACIO DA BOA VISTA — ARREDORES DO RIO DE JANEIRO — ANTIGA RESIDENCIA DE VERÃO DO EX-IMPERADOR D. PEDRO II

(Segundo uma photographia)

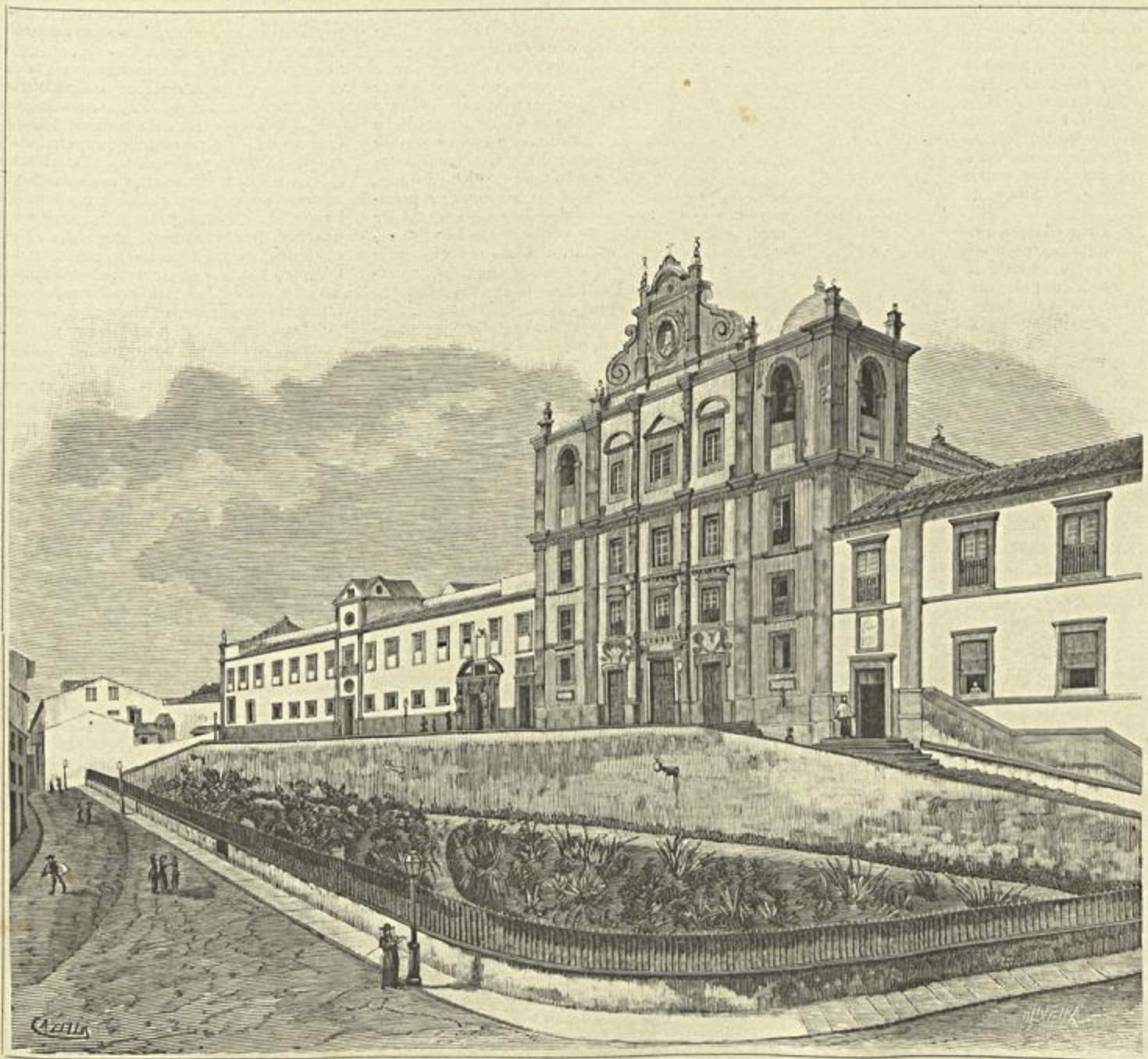
onde se representam varios passos da vida de S. Francisco Xavier nas suas missões, tem no meio, dos lados, dois tumulos, mas só um completo, certamente destinados para os seus padroeiros, mas que d'elles se não utilisaram. Ficam ambos encobertos com o bello cadeirado que guarnece a capella.

«No meio da capella está uma rica estante de jacarandá, primorosamente esculpturada com numerosos florões e figuras de marfim engenhosamente embutidas, representando passagens da antiga escriptura, obra de um religioso franciscano, a cujo convento pertencia; finalmente em frente do altar está pendente uma bella e rica alampada

«Defronte d'este altar, do lado esquerdo do cruzeiro, está uma espaçosa e elegante capella construida em 1847 para deposito do Santissimo Sacramento.

«O corpo da egreja tem tres capellas por lado, a superior, da direita, é dedicada á Senhora da Boa Morte, cuja imagem está patente n'um tumulo sobre o altar, e em cima n'um elevado throno está uma rica imagem da mesma Senhora, mas já resuscitada, subindo ao ceo entre um côro de anjos, dois dos quaes a estão coroando. Aos lados do altar estão dois ricos quadros representando o mesmo mysterio da morte e resurreição da Virgem, obra de em imminente professor,

ja uma ordem de tribunas com elevadas portadas e gradeamento, e o mesmo succede na capella-mór de um e outro lado; sobre o arco da capella-mór está uma imagem collossal de Nossa Senhora da Boa Nova n'um nicho de pedra guarnecida de florões da mesma. Finalmente, o espaçoso e elevado côro da egreja assenta sobre duas columnas de pedra, da ordem toscana, cujos fustes d'altura de 4,3 metros constam de uma só peça.

«Aos lados da capella mór ha duas espaçosas sacristias, uma para os clerigos e outra para a irmandade do Santissimo Sacramento com espaçosos gavetões de jacarandá admiravelmente esculpturados; e n'aquella está patente em um pe-

AÇORES — EGREJA MATRIZ DA HORTA

(Segundo uma photographia)

de prata em forma de lustre com seis luzes, que pertencia ao convento de S. Francisco do Caes do Pico.

«Aos lados da capella, em frente da entrada da egreja, ha dois altares dedicados, o da direita a Christo crucificado, e o da esquerda á Senhora do Rosario, cujas venerandas imagens estão n'elles expostas á veneração dos fieis, e em sua frente pendem alampadas de prata.

«Ao lado direito do cruzeiro está o magestoso altar de S. Paulo, digno de admiração pela perfeição do dourado, primor de esculptura e respeito que infundem as imagens do dito apostolo, do martyr S. Sebastião e de Santo Antonio que lhes ficam aos lados; tem da parte direita um tumulo onde descançam desde 1686 as cinzas do padre João Alves de Medeiros, seu protector.

como attestam todos os visitantes nacionaes e extrangeiros que os observam. Tanto o retabulo como o tecto de esta capella está maravilhosamente esculpturado e dourado com insigne perfeição; tem no meio uma sepultura em que jaz o padre Francisco Alves de Serpa, seu protector.

«A segunda capella é dedicada a S. Pedro *ad vincula* e a Santa Rita. A terceira capella de um e outro lado não tem ainda retabulos.

«Na capella superior da parte esquerda está collocado um coreto para a musica com um excellente orgão; a segunda é dedicada ao apostolo Sant'Iago e a S. Francisco Xavier, e na terceira está collocado o baptisterio, onde existe um grande e bello quadro representando o baptismo de Christo no Jordão.

«Por cima d'estas capellas corre em toda a egre-

queno retabulo dourado uma imagem de Christo crucificado, e em cima do gavetão estão diversos quadros com molduras perfeitamente torneadas, nas quaes se representam os importantes serviços prestados á christandade pelo grande S. Francisco Xavier nas suas missões da India.»

Finalmente, no antigo edificio do collegio funccionam actualmente a camara municipal, os tribunaes judiciaes, commercial e administrativo, o governo civil, a administração do concelho, a conservatoria, as repartições de fazenda e dos pesos e medidas, a capitania do porto e o cofre central.

Alberto Telles.

BULHÃO PATO

(Continuado do n.º 436)

V

Henri Heine denominou os dramas de Shakespeare de—*evangelho profano*: e com propriedade o fez. N'elles, observações ha por vezes, e até profundas, que na educação publica, decorrida uma certa edade, a sua leitura deveriam recommendal-a aos moços. Julio Cesar, na tragedia, que se chama do seu nome, diz a Antonio: — «Porque não ha de haver sempre em torno de mim, homens gordos e de face córada, gente que durma den oite? Cassius, que vês lá em baixo, tem a figura terrosa e descarnada, pensa muito. Taes homens são perigosos.»

Porcia, filha de Catão, e mulher de Bruto, diz no mesmo drama: —«Tenho a alma de homem e a fraqueza de mulher. Oh! para uma mulher é bem serio guardar um segredo!» Outros ainda, além d'estes apophthegmas, colhidos na verdade da natureza e na dos acontecimentos, repetem-se e oppõem-se em toda a obra ingente do grande espreitador do coração humano. Por isto o traductor, que põe a claro qualquer das creações de Shakespeare, é sempre bem vindo. Aquelle pensador, que foi um poeta, foi egualmente um historiador e um philosopho; historiador não raro psychologo do que se passa n'um cerebro, na vida de um homem, nas secretas e publicas paixões, que dominam e regem uma sociedade, quer grande, ou pequena. Assim, as suas observações valem conceitos: — uma philosophia. E, porque ella afeiçoa as cousas observadas, seus dramas, reaes e ideaes, são humanos, pois é o homem bifronte: — anjo e satyro. Traduzil-o puro, sem que a rhetorica do verso altere o semblante dos heroes, maiores que o natural pela grandeza da visão do poeta, — é trabalho de agra difficuldade. Parallelo á symetria da fórma, que o traductor hade empregar, e que é a da lingua em que escreve, e tem suas leis, está egualmente a sua indole, aqui a de um peninsular que, sem querer, traduzindo, não raro interpretando á luz do erudito, — póde transverter em vez de traduzir.

Na versão de Bulhão Pato não se nos depara tal defeito. A indole do traductor e os modilhos da lingua portugueza lá veem; comtudo, vestem e não disfarçam as figuras dramaticas, que vivem na traducção com a mesma poesia, que as anima na obra original. Já elles vinham de uma velha historia italiana do seculo XIV, d'onde Shakespeare as foi trazer, quaes outros personagens da tradição popular, que nos apparecem nos contos do illustre Boccaccio. Mas o immortal escriptor inglez transfigurou essas creaturas com a muita luz do seu genio; e taes se encontram de egual energia na traducção do nosso poeta. No *Mercador de Veneza*, sua melhor obra, em verso branco, de vez em vez rimado, ahi se espraia, e desenrola a lingua portugueza, magestosa, séria, corada de muito sol, cantando como é da sua estructura, em vogaes abertas; não obstante, em medida tão regrada, que os personagens, assim gesticulando e falando, não perdem o seu feitio nem a sua physionomia. E melhor será que tirem a prova na leitura do livro Com effeito, depois da *Paquita*, e das *Satyras, Canções e Idyllios*, é o *Mercador de Veneza* a composição litteraria de Bulhão Pato, a que ha de ficar para a maior affirmação do seu talento. Folgamos de dizel-o, que hoje, com os poetas e escriptores, dá-se o mesmo que nos acontecimentos da historia: — o espirito de partido desnatura os factos, para os arranjar ao proprio sabor, e consoante os razões que necessita adduzir. Assim, ao presente, são de urgencia os documentos, para repôr a verdade. Eis por que hemos citado os livros de Bulhão Pato, e dito quaes os de per si só e sem mais companhia lhe dariam honrada reputação sem favor algum. Depois, discorrer e fallar de poetas e escriptores portuguezes, temol-o de regosijo n'este paiz, onde agora tudo sacrificam á politica. Aqui, o que não é politico, é ninguem. E assim, não temos nem arte, nem poesia, nem escriptores nacionaes. A sêde de governar a todos eivou, porque só o poder, ainda que aggredido, traz o prestigio, a consideração e os commodos. Retroceder, seria de conveniencia, porque um dia póde luzir em que os politicos, seja-lhe qual fôr a provinda, só governarão — *zeros!* Mas, a ninguem se lhe dá. Nós proprio, que tanto escrevemos e sentimos, seremos apontados

«A' justa indignação de honrados animos.»

Embora. Quando ninguem fala, fala o silencio; e este é como a sombra, o valhacouto de crimes. As nações decahem, se só teem politicos e não teem escriptores.

Mas..., voltemos ao assumpto.

VI

Bulhão Pato, des que ouviu lá nas montanhas vasconças, toques de clarim a rebate, os sabres darem voz de commando, o tambor rufar á carga, avançarem as bayonetas, até hoje, em que, nevado dos annos, se esconde no Monte de Caparica, na paz silente que precede o declinar ao tumulo, n'este intervallo do tempo, o nosso poeta nen sempre produziu livros ou versos; e n'aquelles que editou, ainda que abundantes de recordações, lembranças e affectos, nem sempre escreveu de si por tal arte, que d'ahi lhe possamos copiar por inteiro o semblante. Para tanto seria necessario, além da consulta de suas *memorias*, escutal-o na conversa intima ou familiar, á mesa festiva e afestoada de flores, ou na brilhante assembléa, illuminada e repleta de escolhidos e numerosos ouvintes. Então sim; ergue-se-lhe a estatura em boa luz, e anima-a a eloquencia de sua poesia, que tanto mais sobe, quanto mais convencida ou indignada. Então sim; no trato intimo, social ou publico, é que elle nos apparece o grande poeta que é: — improvisador audaz, cheio de graça, delicadeza, abundoso nas imagens, nos gestos, fazendo seus a admiração e o respeito, pela novidade de suas phrases sonoras, cantadas, a vestiram conceitos felizes de termos figurados. Então é que o retrato do poeta fica perfeito, indelevel na lembrança dos que se encantaram, escutando-o, captivos de sua palavra pittoresca, apaixonada, que melhor valia, por certo, n'um parlamento, mas que é sempre festejada, acatada, nas conferencias de uma festa de caridade, ou nos congressos de uma academia.

Foi de tal modo, antes de o saber poeta, que eu o conheci, a este feiticeiro da palavra. Foi em Coimbra, quando a cidade, revolta de alvoroço, recebia em jubilos, festiva, o principe Humberto, hoje rei na Italia. Foi então, em a noite de 22 de outubro de 1862, e no Theatro Academico; e era a casa ajorcada de luz, flôres, risos e mulheres moças, e os estudantes frementes de enthusiasmo por terem alli no seu theatro, adereçado das côres de Portugal e Saboya, o primogenito do caudilho ardente da unidade italiana. Foi essa a vez primeira que de perto o conversei. Com a presença do principe Humberto revivia em todas as lembranças a tragedia d'aquelle ultimo decemdio: — a republica romana (1849); as victorias de Magenta e Solferino (1859); a conquista das duas Sicilias (1860); o parlamento de Turim (1861), quando se viram de frente os dois homens que então preoccupavam as chancellarias das côrtes: — Cavour e Garibaldi; depois a morte do insigne Cavour, sentida por tantas casas illustres da Europa [1] e pela democracia italiana. Tudo era vivo então, pois um academico, Fialho Machado, apparecera no palco a recitar versos de Anthero do Quental, que evocavam todos esses brilhantes phantasmas da gloria. Que noite, e que de saudades! Bulhão Pato tinha 33 annos, e havia publicado o seu primeiro livro de versos, onde, na invocação a Helena, vibram todas as cordas do alaúde romantico. Nos serões de Xavier Perestrello, em o palacio gothico de D. Maria Telles, lhe escutámos a recitação harmoniosa; no convivio de José Dias Ferreira e Antonio Ayres de Gouveia, a sua conversa extraordinaria, que era do actor, do orador, do cantor e do poeta. Egualmente a nós, outros moços de então, rapazes e raparigas, o ouviram e festejaram em todas as provincias de Portugal, e maxime nas duas Beiras. E lá o diz elle:

«O outomno vinha o entrar e desde a primavera
Que a nossa Beira alpestre em volta eu percorrêra.»

Ahi foi visto, rodeado das moças louçãs d'aquella provincia cortada de montanhas, conversar, interminavel, persuasivo, ao lume da classica lareira portugueza. Ahi foi visto, nos jantares alegres, homericos, dos anniversarios de familia, erguer-se inspirado, e fazer chorar os convivas, enternecidos. Depois, inquietando as lebres na extensa veiga, ao lado do bom morgado cavalgador, e pagando, qual outro rapsodo, a hospitalidade com seus cantos. E até certa menina, a flôr da casa, quiz fugir com elle, levada do estro do poeta, enlevada no seu olhar brilhante e melancholico, tomada de suas affirmações imaginosas, que tudo e a todos punham captivos de seus ideaes ancantadores. E elle, de lhe beijar a mão respeitoso, e levando-a a sua mãe — ficae, dizia: aqui demora a felicidade e eu sou um peregrino.

«Inda uma vez adeus! Cançado peregrino,
Antes de posto o sol, vou-me chegando ao lar.
Vou sereno e feliz, que o riso chrystalino
De vosso casto amor me vem acompanhar. [1]»

Ficae, dizia; e logo de apparecer em salão brilhante, illuminado, em noite de festa beneficente, a pedir em estrophes harmoniosas, ou em discursos inspirados, a favor dos pobres, a quem elle dava, o prodigo! mais que os outros, o extranho capital da sua palavra eloquente. Tal o conheci; e tantos outros o conheceram e applaudiram, victoriando sua conversa e discursos.

E agora eu vejo, quanto agradecimento não é é devido a este rapsodo, que, percorrendo as provincias de Portugal, por todas ellas ia espalhando as novas ideias litterarias, a nova paixão politica, conquistando a sympathia e a admiração para os heroes das luctas partidarias, para os seus livros, orações, leis, reformas, *gestos* e *feitos*. Os moços que o ouviram, e é o auctor d'estas linhas um d'esses, todos podem testemunhar, qual o calor, e convencimento da sua palavra, que sempre era attinente a exaltar os homens e as cousas da revolução liberal. Por isto, por sua eloquencia e convicções, duas vezes o convidaram a ser deputado, e duas vezes o poeta recusou. Não quiz, e bem procedeu Os oradores são necessarios, quando na arena parlamentar se digladiam principios; quando se cria uma constituição; quando se defende um paiz; quando estão de frente e se medem torvos *hontem* e *hoje*; quando um chefe se chama legitimidade e o contrario revolução; quando os interesses combatem os sentimentos. Então os oradores são combatentes; a voz traduz-lhes o convencimento, a bandeira, a paixão, o seu partido. Quando d'isto nada existe, quando não ha virtude politica que ligue os homens, nem verbo que lhes inflamme a palavra, nem causa que a discipline, — adveem as facções, os multiplices chefes, o fogo de guerrilhas, a instabilidade dos governos. O que representam? O que são? Quem os apoia? Em nome de quem governam, e de que partido? N'este barulhar de feira, o unico orador seria um Tacito ou um Juvenal; mas cahiria na irrisão, por singular. E depois, e por isso mesmo não constituiria auctoridade, governo; nada lhe valeria o ser politico, orador, soldado combatente.

O poeta recusou, e fez bem.

(Continúa)

Conde de Valenças.

[1] O conde Camillo de Cavour, talento *hors ligne*, resumia tradicções, que de per si só engrandeceriam a outro qualquer. Filho dos marquezes de Cavour, sobrinho da duqueza de Clermont-Tonnerre, tio da marqueza de Alfieri, combatêra como soldado pela causa italiana; e em Novara lhe ficou morto um sobrinho (Alberto de Cavour) com 18 annos. Respeitado na Europa como estadista, no Piemonte era popular como agricultor, philantropo e viajante illustre. Havia estudado na Inglaterra o governo constitucional; e acima de tudo fôra o politico das doutrinas economicas.

[1] *Satyras, Canções e Idyllios.*

SCENAS BURGUEZAS

(Continuado no n.º 437)

VI

UM SONHO

A *soirée* terminára depois de Florencio recitar algumas poesias do *seu tempo*; do general Accacio relembrar a tomada de Covêlo, da D. Genoveva orar sobre diversos assumptos, e de Anna de Athayde, vigiar, na sua qualidade de mulher de trinta annos, os amores que adivinhava pairando sobre a Emasita e o Mario...

Estas reuniões eram, como dizia o general-conselheiro, muito sinceras. Tão sinceras que ninguem imaginava poderem ser nocivas.

Despediram-se todos de Florencio Carrilho, de D. Joaquina, da Ema, da Gina e da D. Genoveva que se deixou ficar em casa dos Carrilhos.

* * *

Mario Guerreiro ao retirar-se lembrou a si mesmo que era preciso acabar com uma situação que se ia tornando perigosa para ambos, sentia já que vivia tão completamente da presença de Ema que já lhe não era possivel trabalhar, os livros mostravam-lhe um tão confuso saltar e baralhar de lettras que as palavras se tornavam inintelligiveis;

fizera-se-lhe no espirito essa luz crepuscular que adormece ou impacienta; a sua viva imaginação cheia de brilho e altivez que illuminava n'um grande banho de luz, a sua vida interior, toda espiritual, que nunca se falseara, parecia deixal-o sem iniciativa propria quando a imagem de Ema lhe não era presente.

Depois passava pela vista como n'um ciclorama a historia da intimidade com a Ema. Havia particularidades.

Recordava-se.

N'uma noite estavam na salleta... era preciso ir ao quarto d'ella. Não havia vellas de stearina. Que zanga! a tia Joaquina mandara-as comprar; não as tinham trazido ainda. Depois não valia a pena accender um candieiro de petroleo: tirar o globo, a chaminé de vidro apertado bruscamente no foco da luz... E ficam as mãos cheirando a petroleo. Que sécca! O melhor era antes accender um phosphoro, era só para ir buscar o *Eurico*... Um phosphoro do Mario .. Elle deu-lh'o machinalmente. Mas, em seguida a um movimento de arrependimento, arranca-lh'o dos dedos.

— Nada, nada: podia queimar-te.

Ema chegando ao quarto, sobre uma commoda antiga, encontrou logo o livro. virou para Mario com os olhos faiscantes de uma luz extranha, o rosto inteiramente illuminado pelo ciclo de luz que o phosphoro projectava, e... apagou-o n'um sorriso que mais parecia um beijo.

— Já não é preciso, disse.

E seguio para a salleta.

São d'estas visões que não mais esquecem.

Tinha este quadro presente como se fôra n'aquelle momento.

Não sabia bem se tinha sido um heroe ou um tollo. Porque em taes casos não ha meio termo. Ficara vibrando como se quizesse dar um salto perigoso e alguem o tivesse impedido; porém esta força que o não deixava *approveitar a occasião*, era um raciocinio digno de homem honesto. Não tinha que censurar-se. Andara bem. Sentia-se digno d'ella, digno de si sobre tudo!

— Um homem honrado, que a estimasse realmente, não devia proceder d'outra maneira, — pensava.

Hoje achava-se contente. Comtudo receiava que um dia, a sensibilidade fosse senhora absoluta no seu organismo. Ainda tinha bem presente o atordoamento que então se lhe produzira, e como o sangue lhe subira em ondas, tendo tentações de agarrar soffregamente Ema e fazer lhe pagar caro o coquettismo.

Ora para os que vivem mais do sentimento do do que do interesse, um verdadeiro amor tomalhe inteiramente a vida.

A recordação de sua mãe tomava-lhe o cerebro, e cahiam-lhe no coração os versos do poeta:

Car dans les cieux comme sur la terre
Sa mère va prier pour lui.

Elle ia sentindo apezar de tudo que a situação se tornava insustentavel.

E com effeito se alguns dos seus amigos, embora por elle hoje abandonados, podessem ver o Mario, o conhecido *Silex* das Revistas da moda, do Gremio, dos centros politicos, decerto não poderiam resistir á tremenda gargalhada que se lhes soltaria dos labios ao tomarem conhecimento da ratificação d'aquelle tratado d'amor d'irmãos.

Mario Guerreiro, homem moderno, o mundano entre os poetas e artistas, metamorphoseado n'um amoroso cheio de ridicula honestidade, tão terno, tão methaphisico, tão candido!

Era para morrer de riso.

A ave de rapina, despojada das garras e do bico sanguinario, transformada em pomba sem fel!

— Que extraordinaria palingenésia! — como diria o general-conselheiro.

Mario ia seguindo inconscientemente pela Carreira dos Cavallos, largo do Matadouro, portas da cidade e achou-se na estrada da circumvallação. Fôra tão largo o passeio que já ia amanhecendo! Entrou de novo na cidade pelas portas do Arco do Cêgo, pizando a nova Avenida Estephania.

Mario aspirou com força o ar da manhã humida, e ao longe trovejando surdamente, o ceu pardacento...

— Diabo! custa muito a ser honrado n'uma situação d'aquellas...

Mas fôra-o.

E sentio-se orgulhoso quando do alto da sua estatura encarou desdenhosamente o soberbo espectaculo que o rodeava.

As alturas do Monte, Convento da Graça e Castello de S. Jorge começavam de apparecer colloridas de tonalidades rosadas que substituiam o anterior tom violacio em que estavam immersas. Atrovoada ia desapparecendo para o sul.

Na frente extendia-se, a seus pés, uniforme, orlada pelas suas bermas, a avenida de D. Estephania, semelhando uma toalha enxovalhada; em baixo o valle — que a separa do alto do Matadouro, onde a claridade do dia ainda não descera, — conservava-se n'uma côr indecisa que, a pouco e pouco, se ia tornando n'um verde energico. Aqui e alèm, um malmequer branco, ou amarello; *campainhas* azues ou magentas, listradas de branco, quebravam a monotonia das geiras e talhões de terra dourados pelos raios do sol victorioso sobre a bruma, e que se esbatiam pelos telhados da casaria branca da Cruz do Taboado.

Pelo ar esvoaçava alegremente um bando de pombos.

Approximava-se um trem de praça:

— Quer que vá lá pôr, oh! freguez! bradou um *sereno* da almofada da *americana*.

Mario, bruscamente sacudido da sua divagação, um como que entorpecimento de espirito, disse distrahidamente:

— Pois sim... *Restaurant* do Silva. —

— Oh! Chiado, no Silva? E' para já patrão.

Mario Guerreiro atirou-se para dentro da americana e, indicando ao cocheiro a morada de um *restaurant* da moda, fez com que a *tipoia* partisse n'uma carreira desordenada, soando o rodar em traquinadas de velhas ferragens e parafusos lassos, em quanto Mario pensava:

— Que me não veja n'outra é só o que desejo, porque realmente... é quasi necessario ser um Abéllard para evitar a queda... De resto escapei. E' bom não abusar...

E ao recostar-se na americana, collocando os pés no assento da frente, emendou com bonhomia:

Eu afinal é que estou a fazer d'uma excellente rapariga uma *cocóte* encartada... Pobre Ema. Tem ella culpa de eu ver as cousas sempre como quem conhece a vida dentro dos bastidores. Mas... está decidido, eu a deffenderei de mim proprio.

A americana do *sereno* seguia puxada pelas magras pilécas na direcção da cidade baixa.

*
* *

Em casa de Ema todos estavam recolhidos. Havia duas horas que Mario fôra para sua casa resolvendo não voltar mais a casa dos Carrilhos para evitar *futuros perigos*.

....

Cahiam grossas bategas de agua, e, ao fuzilar do raio estalou um trovão, que o echo prolongou em surdo rumor, muito demorado, repetindo-se em pequenas tentativas.

Ema accordou sobresaltada, ouvio o gemer do vento. Conservou-se alguns minutos attenta, escutando o crepitar da lampada de côr de saphira; a atmosphera pesava; fora-se-lhe o somno. Esfregou os olhos, e, no fundo escuro da colcha, violeta e preto, destacou-se-lhe alvissimo o busto... E o braço que descobrira para esfregar os olhos que agora tinha fixos na claridade indeciza, azulada, que enchia o quarto... Na frente ficava um espelho inclinado para a cama...

Pareceu-lhe ver um rosto; então, certa idéa que trazia fixa como a continuação d'um sonho, fez completar-lhe no cerebro a vizão esfumada que se tornou nitida; e, n'um desejo vago, que não comprehendia, adiantou os labios entre abertos, frementes de volupia... E, estendendo a mão para o travesseiro, pareceu-lhe acariciar uma testa franzida por dois sulcos verticaes nos sobr'cilos energicos, onde começava o cabello, curto e forte muito escuro recortando na fronte um bico suave que, no dizer da tia Genoveva, prognosticava viuvez...

(Continua)

Manoel Barradas

REVISTA POLITICA

Não nos lembra de um periodo tão sereno de polemica politica como o que estamos atravessando, e ao mesmo tempo tão cheio de questões graves e tão complicadas como as que se estão accumulando ha um anno a esta parte.

E no entanto são justamente essas questões que fazem emudecer os polemistas da politica portugueza, são ellas que pozeram de parte as questões de soalheiro, as intrigas eleitoraes, os arranjos do venha a nós, em que os nossos politicos tem mostrado tantas habilidades, habilidades que infelizmente só a isto chegam, pois embaçam, intupem em presença dos grandes problemas, que não sejam o vencerem uma eleição o arranjarem uma sinecura.

E' muito triste não é?

E assim se vê o actual governo a braços com uma serie de difficuldades, preparadas pelos seus antecessores e que estes mal sabem e mal pódem ajudal-o a vencel-as.

O que dirão agora aquelles que alcunhavam de pessimistas, os que de ha muito viam e lamentavam o caminho errado em que seguiam os negocios publicos?

O desleixo, quasi abandono, ou abandono completo pelas coisas d'Africa, fazia prevêr a nossa decadencia n'aquelle paiz, cubiçado por outras potencias, á frenta das quaes se destacava a Inglaterra, e o quanto esse desleixo nos havia de custar á nossa riqueza e á nossa dignidade.

Chegou o momento terrivel e eis nos a braços com uma grande potencia, que aproveitando se da nossa incuria, lança mão do que quer na Africa, descoberta por nossos maiores e onde bem poderamos ter firmado o nosso dominio com proveito para a nossa riqueza publica.

Tem-se abusado demasiadamente do credito duplicando quasi as despezas em relação ás receitas, como se isto fôra a vida normal de qualquer administração, e os que folgavam com este viver de emprestimos, riam-se dos que não partecipavam das mesmas idéas e agouravam mal de tal viver.

Eis-nos a braços com uma crise financeira, consequencia dos desperdicios de muito tempo, e para debelar a qual anda-se tratando de um emprestimo ha quasi um anno, em que a usura e as imposições tem posto o governo nas mais serias difficuldades.

Tem-se clamado contra as más administrações dos governos, contra os patronatos traduzidos nas mil reformas dos serviços publicos com o fim de criar logares para augmentar partidarios d'esta ou d'aquella facção ficando os mesmos serviços peiores do que estavam e absorvendo improductivamente o melhor das receitas publicas, e não se davam ouvidos a esses clamores que em geral partiam dos contribuintes cada vez mais sobrecarregados.

Ahi veio a revolta militar do Porto, que muito embora considerada mais um acto de indisciplina do que uma revolta da nação, nem por isso deixa de se filiar uma boa parte, no descontentamento do paiz pela má administração que ha tantos annos soffre, sempre na esperança de que as coisas melhorassem.

E é por tudo isto que os politicos intupiram e se penitenceam no silencio, querendo lançar um veu sobre o passado e protestando vida nova, segundo clamam os seus orgãos na imprensa.

Na opinião d'alguns, este estado de cousas muda completamente com dois ou tres annos de administração economica e austera; nós não estamos fóra d'essa opinião, mas o que receiamos é que uma tal administração, como era preciso que fosse, se possa pôr em pratica tal é o circulo vicioso estabelecido em volta da administração do estado.

E comtudo essa administração é indispensavel, só ella poderá equelibrar as finanças publicas e levantar ao mesmo tempo o nivel moral dos espiritos, pelo fiel cumprimento da lei e a recta administração da justiça.

Estas palavras não são nossas, ou melhor estas idéas foram expressas pela Camara Municipal do Porto, na mensagem que a mesma dirigiu a El-rei pelo malogro da revolta n'aquella cidade.

Foi uma felicitação e uma lembrança, lembrança que El-rei achou de bom conselho e que reforçou com as suas palavras declarando que era esse tambem o proposito em que estava.

Esta declaração do monarcha tem sido justamente apreciada, e mostra as disposições em que está o seu governo.

Como ultima novidade temos a da convocação provavel das côrtes para o dia 4 de março, para os fins que annunciamos na nossa ultima revista.

Esta convocação é, porem, considerada por alguns politicos como inconveniente havendo até quem diga que sobre essa inconveniencia não podem haver duas opiniões.

Nós não percebemos lá muito bem a razão d'isto a não ser o receio d'alguma trovoada, depois de tantas promessas de bonança. Talvez o emprestimo não seja estranho a estas biscas, pois parece estar muito enfermiço a julgar pelas repetidas conferencias que lhe tem feito.

Veremos se o sr. conde de Burnay vence a campanha.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

A SEGUNDA EXPEDIÇÃO MILITAR A MOÇAMBIQUE. — Partiu no dia 11 do corrente a bordo do vapor *Loanda* com destino a Moçambique o segundo troço da expedição militar composta de parte do regimento de infanteria n.º 1, sob o commando do major João de Jesus Feijão com os seguintes officiaes: capitães, Chanto Narchial de Carvalho, Antonio de Macedo Osorio, Primo José da Rocha e João Barbeito da Silva; tenentes, Joaquim José Ferreira da Cunha, Ramiro Augusto de Macedo, José Maria Soares Junior e Antonio Pereira de Barros; alferes, Carlos Alberto, Alberto A. Cardozo, João Maria Ribeiro da Cruz, Manoel Antonio Fernandes e Antonio Claudio d'Abreu e Almeida; o capellão, Francisco Baptista Leitão e o cirurgião-mór, José Guilherme Baptista.

Cerca das 11 horas da manhã chegaram ao Arsenal de Marinha as forças expedicionarias, que eram esperadas pelo sr. Infante D Affonso e grande numero de officialidade do exercito e da armada. No Arsenal tocava a charanga dos marinheiros.

O embarque fez-se em boas condições e os soldados iam alegres.

Sua Alteza o sr. Infante D. Affonso foi depois a bordo do *Loanda* onde se demorou até quasi o vapor largar da amarração, o que teve logar ás 3 horas em ponto.

Grande numero de pequenos barcos cheios de gente rodeava o *Loanda* e quando este largou poz-se tambem em marcha a flotilha que o acompanhou até á barra, composta dos seguintes vapores: *Victoria*, conduzindo a Sociedade de Geographia, imprensa e familias dos expedicionarios; *Guadiana* com o sr. ministro da marinha e pessoal superior do Arsenal; *Lidador* com a Sociedade da Cruz Vermelha e alguns membros da imprensa; *Conductor* com os socios da Liga Liberal e *Sado*, *Bom Successo*, *Cabinda*, *Voador*, etc. conduzindo muitas pessoas ao bota fóra do *Loanda*.

Em Paço d'Arcos parou o *Loanda* para receber varios volumes de material de guerra da Escola de Torpedeiros, sendo seguido até á barra pela flotilha, onde se deram as ultimas despedidas, retirando rio acima todos os vapores á excepção do *Victoria*, que acompanhou o *Loanda* até Cascaes.

Por todo o caminho se repetiram as mais enthusiasticas ovações aos expedicionarios, a que elles correspondiam de bordo do *Loanda* acenando com lenços; em terra por toda a margem do rio o povo agglomerava-se para ver passar a flotilha e acenava e dava vivas aos expedicionarios. Em todos havia evidentes signaes de satisfação apenas cortados por uma ou outra mulher, que entre lagrimas dizia adeus a algum filho que ia na expedição.

O *Loanda* passou á vista de Malta e d'ali se receberam noticias, em data de 17, dizendo que tudo ia bem.

CHEGADA DA PRIMEIRA EXPEDIÇÃO MILITAR A MOÇAMBIQUE. — Recebeu-se em Lisboa noticia de ter chegado a Moçambique o *Malange* a bordo do qual foi o primeiro troço da expedicção militar. Todos estavam bons e os expedicionarios tinham passado tres dias em terra sem febres. A expedição seguia para os pontos a que era destinada.

REVOLTA MILITAR DO PORTO. — Tem continuado os interrogatorios dos presos que sobem a mais de 600. Concluio no dia 16 o auto de corpo de delicto e conta-se que os conselhos de guerra comecem a funccionar no dia 25 do corrente.

Tem sido dirigidas a El-rei grande numero de felicitações, pelo malogro da revolta e protestos de fidelidade ás instituições, pela maior parte das camaras municipaes do paiz e outras corporações officiaes e particulares.

Entre as mensagens dirigidas a Sua Magestade distingue-se a da camara municipal do Porto pela sinceridade com que felecita El-rei fazendo sentir ao mesmo tempo as causas que determinaram a revolta filiadas sem duvida na má administração dos negocios publicos, notando ainda a necessidade de moralisar essa administração em todos os seus ramos, como o unico meio de sustentar as instituições e de todo o paiz estar satisfeito.

A esta mensagem, apresentada a El-rei pelos membros da camara do Porto, respondeu Sua Magestade que estava em pleno accordo com o que a vereação portuense lhe relembrava e que era seu proposito a fiel observancia das leis e a boa administração publica, economica e austera, como fundamento moral das sociedades bem organisadas, e se ainda não tinha mostrado toda a sua dedicação pela patria, era isso devido ao pouco tempo da sua vida de rei assombrada por acontecimentos de que lhe não cabe a responsabilidade, mas de que sente, como os que mais sentem a triste e dolorosa significação.

MARQUEZ DE RIO MAIOR. — Falleceu no dia 4 do corrente o sr. Marquez de Rio Maior Antonio de Saldanha de Oliveira Juzarte Figueira e Sousa, primeiro marquez d'este titulo por mercê d'El rei de 19 de maio de 1886 e quarto conde de Rio Maior.

Era o fallecido, homem de grande illustração, e por vezes desempenhou cargos publicos com notavel competencia.

Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, foi deputado em differentes legislaturas, e presidiu por duas vezes ao municipio de Lisboa. Em 1881 foi convidado a tomar a pasta dos negocios estrangeiros, no ministerio formado por Antonio Rodrigues Sampaio, cargo que declinou. Exerceu por alguns annos o logar de provedor da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, deixando boa memoria da sua esclarecida administração; era vogal do conselho geral de beneficencia.

Official-mór da casa real exerceu por muitos annos o cargo de mestre salão. 19.º senhorio do morgado de Oliveira, da Azinhaga e dos bens da commenda de Santa Maria d'Africa de que era o ultimo usufructuario. Era commendador da Conceição, Gran-Cruz das Ordens da Roza do Brazil e de Leopoldo da Belgica, da Coroa de Italia e de S. Gregorio Magno.

O sr. marquez de Rio Maior era neto de um irmão do marechal Duque de Saldanha. Sendo o ultimo morgado de sua casa, não quiz que por sua morte se extinguisse o seu representante e por isso, não tendo filhos do seu matrimonio, nomeou herdeiro universal a seu sobrinho o sr. João de Saldanha Oliveira e Sousa primeiro filho do sr. José de Saldanha Oliveira e Sousa, seu irmão.

CONDE DE ALTE. — Falleceu no dia 16 do corrente o antigo diplomata e par do reino, sr. Conde de Alte João Carlos da Horta Telles Machado da França.

O sr. Conde de Alte nasceu a 6 de agosto de 1810. Foi ministro plenipotenciario de Portugal junto ás côrtes das Duas Sicilias e da Sardenha; par do reino tomou parte activa em muitas discussões importantes na camara alta.

Era um excellente caracter altamente estimado e a sua morte foi muito sentida.

REAL GYMNASIO CLUB. — Houve uma esplendida *soirée* na segunda feira de entrudo n'este club.

Foi uma festa brilhante como costumam ser todas as festas d'esta elegante sociedade.

Agradecemos o convite.

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO BIHÉ

O CAPITÃO COUCEIRO

(Segundo uma photographia)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Publicações da Companhia Nacional Editora. — *A musica sem mestre*. Fasciculo n.º 17. Preço 100 réis.

Astronomia popular, de Flamarion. Fasciculo 56. Preço 80 réis.

A Terra Illustrada, por O Reclus. Fasciculo 45. Preço 100 réis.

Julio Verne — Cesar Cascabel. — Edição illustrada, caderneta n.º 29. Preço 50 réis.

A Capa do Diabo, por Ortega y Frias. Caderneta n.º 24 (folhas 12 a 17, 2. vol.). Preço 60 réis, edição illustrada.

Apostolado de Jesus Maria José. N.º 12, contendo dois lindissimos chromos, e uma gravura em aço, separadas, e uma gravura em madeira impressa no texto. Preço 100 réis.

Bibliotheca do Povo e das Escolas. Vol. 189. *As Epopêas Homericas*. Preço 50 réis.

Julio Verne. — Edição popular aos volumes. Vol. 60. *Fôra dos eixos*. Vol. br. 200 réis, cart. 300 réis.

Orlando Furioso, de Ariosto, illustrado com as celebres composições de *G. Doré*. Fasc. 36. Preço 200 réis.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, *fundada em 1875*. 9.ª Serie n.os 2, 3, 4 e 5 cujo summario é o seguinte: O ultimatum britannico, correspondencia expedida e recebida pela Sociedade de Geographia de Lisboa, relativamente ao *ultimatum* dirigido ao governo portuguez pelo inglez, em 11 de janeiro de 1890; No mez de fevereiro, de março de abril e de maio; actas das sessões de 7 e 21 de janeiro, 4 de fevereiro, 7 de março e 1 de abril de 1889. N.º 6 com os seguintes artigos: Expedição ao Cubango (1889), relatorio do capitão Arthur de Paiva; actas das sessões de 1 de abril (conclusão), 6 de maio, 3 de junho, 4 e 11 de novembro de 1889.

Capas para encadernação do «Occidente»

Conforme os mais annos esta Empreza fornece capas especiaes, em percaline com ornatos a ouro fino, para encadernação dos volumes do OCCIDENTE.

Ha capas para todos os volumes desde o volume de 1878 até 1890.

Preço de capa 800 réis franco de porte.

Tambem se recebem volumes para encadernar n'estas capas, tanto de Lisboa como da provincia.

Preço da capa e encadernação 1$200.

Pedidos á EMPREZA DO OCCIDENTE.

LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro 25 a 45